

**GRUPO DE TRABALHO:** 2 – Mídia e eleições

**COORDENADORA:** Heloiza Matos

**AUTORAS:** Maria Céres Pimenta Spínola de Castro

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Teresinha Maria de Carvalho Cruz Pires

Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professora adjunta do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

## **Resumo**

### **Opinião jornalística nas eleições de 2006: o antilulismo e a apropriação do discurso populista**

Na ampla cobertura antecipada da eleição de 2010, chamam-nos a atenção as *opiniões publicadas* de jornalistas políticos, especialistas em marketing político e em pesquisas de opinião pública, articuladas como resposta duas questões. Primeira, a ministra chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, seria candidata do “Lulismo” ou do “Petismo”? e, a segunda, é possível ao presidente Lula transferir sua alta popularidade para ela?

Diversos e significativos estudos realizados por estudiosos da área de Comunicação e Política já trataram das eleições de 2006: do modo estratégico como, em sua campanha eleitoral, Lula dissociou sua imagem do PT; do forte antilulismo, expresso na cobertura dos principais grupos de mídia do país nessa ocasião e, também, do evidente descolamento entre as *opiniões jornalísticas* expressas em editoriais e colunas de política e a opinião da maioria da população captada pelas sondagens eleitorais.

Considerando-se esses dois cenários – de 2009 e 2006, respectivamente – interessa-nos investigar como jornalistas políticos recorreram a uma das matrizes que fundam o imaginário político da América Latina: o *populismo* – assim considerado por Ernesto Laclau – para procurar desconstruir a imagem de Lula, estampada nas pesquisas de intenção de voto noticiadas pela mídia. Acredita-se que tal análise poderá trazer subsídios para uma melhor compreensão da imagem pública política de Dilma Rousseff que está sendo construída pela mídia, no momento atual, com repercussões importantes na disputa eleitoral, em 2010.

Por fim, informa-se que o *corpus* será constituído, intencionalmente, a partir do material empírico coletado pelos autores da pesquisa acima mencionada: colunas de opinião e editoriais dos jornais “Folha de S. Paulo” veiculados no primeiro turno das eleições de 2006.

## ARTIGO

Fevereiro de 2009. A ministra da Casa Civil, Dilma Roussef (PT) anuncia, em grande estilo, no Encontro Nacional Novos Prefeitos e Prefeitas, o projeto Minha Casa, Minha Vida, que prevê a construção de 1 milhão de casas populares subsidiadas em parte pelo governo federal. O PSDB e o DEM por considerarem tal anúncio início de campanha eleitoral entraram com representação junto à Justiça Eleitoral. Antecipação na agenda política e na cobertura da mídia. Nessa, especificamente, chama a atenção como as *opiniões publicadas* de jornalistas políticos, especialistas em marketing político e em pesquisas de opinião pública passam a ser articuladas em torno da questão: a ministra chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, será candidata do “Lulismo” ou do “Petismo”?

2006. Diversos e significativos trabalhos realizados por estudiosos da área de Comunicação e Política sustentam que Lula, em sua campanha eleitoral, de modo estratégico, dissociou sua imagem do PT e que um expressivo antilulismo teria se expressado na cobertura dos principais grupos de mídia do país, posicionamento esse que evidenciou um descolamento entre as *opiniões jornalísticas* expressas em editoriais e colunas de política e a opinião da maioria da população, captada pelas sondagens eleitorais<sup>1</sup>.

Considerando-se esses dois cenários interessa investigar qual noção de lulismo ancorou o posicionamento, antilulista, em 2006, de editorialistas e colunistas do jornal “Folha de S. Paulo” e qual o seu entendimento agora, em 2009. Acredita-se que tal análise poderá trazer subsídios para uma melhor compreensão da imagem pública

---

<sup>1</sup> A esse respeito, ver:; ALDÉ, Alessandra; MENDES, Gabriel; FIGUEIREDO, Marcus. Tomando Partido: imprensa e eleições presidenciais em 2006. In: ENCONTRO NACIONAL DA COMPÓS, 2007, Curitiba. Anais... Curitiba: Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Mídia e democracia no Brasil: “da eterna vigilância” à “justa frustração”. In: GOULART, Jefferson O. (Org.) **Mídia e Democracia**. São Paulo: Annablume, 2006. LIMA, Venício A. de. **Mídia: crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006; LIMA, Venício A. de. **A mídia nas eleições de 2006**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

política de Dilma Roussef que está sendo construída pela mídia, no momento atual, com repercussões importantes na disputa eleitoral, em 2010.

Assim, com o propósito de examinar aspectos qualitativos da opinião publicada no jornal “Folha de S. Paulo”, o *corpus* foi constituído intencionalmente. De modo a subsidiar o estudo referente à campanha eleitoral de 2006, selecionou-se o período de 1º de julho a 2 de outubro – que abrange o momento de início oficial da campanha até o dia posterior à eleição do 1º turno. Por meio do mecanismo de busca das palavras-chave “lulismo”, “petismo” e “populismo”, separadas e/ou associadas, na biblioteca virtual do próprio jornal “Folha de S. Paulo”, foram localizados, no total, 51 textos incluindo matérias, entrevistas, artigos, editoriais e colunas. Desses, foram submetidos à análise: dois editoriais e 20 colunas. Já para o estudo de 2009, compuseram o material empírico: o texto elaborado por Fernando Henrique Cardoso, intitulado “Para onde vamos?”, publicado nos jornais “Estado de S. Paulo” e o “Globo” no dia 1º de novembro de 2009; a coluna de Vinicius Torres Freire, intitulada “FHC e Armínio atacam o lulismo”, publicada no jornal “Folha de S. Paulo”, no dia 3 de novembro de 2009 e a coluna de Fernando Barros e Silva, intitulada “A mídia ‘partidarizada’ de Dilma”, publicada na “Folha de S. Paulo” no dia 10 de novembro de 2009. Além, desse material jornalístico, também foram examinados: a entrevista realizada por Juvenal Savian Filho e Eduardo Socha com Marilena Chauí publicada na revista “Cult” de março de 2009, intitulada “Marilena Chauí: a paciência do pensamento”; a entrevista realizada por Luiz Magalhães com Gabriel Cohn, publicada no jornal “Valor” referente aos dias 5,6 e 7 de 2009, intitulada “Cidadania em apuros” e dois artigos publicados por Francisco Oliveira na revista Piauí: “Hegemonia às avessas”, em janeiro de 2007, e “O avesso do avesso”, em outubro de 2009.

Cabe esclarecer que a escolha do jornal “Folha de S. Paulo” justifica-se por ser ele o jornal de maior circulação no país<sup>2</sup> e, portanto, por sua influência como balizador do processo de formação da opinião no país. Já a escolha dos editoriais e colunas deveu-se à natureza do problema de pesquisa formulado. A expectativa era a de que nos editoriais e colunas – espaços categorizados por ela, em seu Manual de 2007, como sendo reservados ao jornalismo opinativo – pudessem ser apreendidas opiniões norteadas por dados, fontes, elementos que pudessem iluminar o debate político sobre o

---

<sup>2</sup> No dia 14 de abril de 2009, a Associação Nacional de Jornais (ANJ) divulgou o ranking dos jornais com maior circulação diária do País no ano de 2008. A relação foi baseada em dados fornecidos pelo IVC (Instituto Verificador de Circulação) e traz os dez maiores jornais diários. A Folha de S. Paulo ficou na liderança, registrando uma média diária de 311.297 unidades. Disponível em: <http://ftpi.com.br/wordpress/?tag=ivc>. Acesso: 20/11/2009.

fenômeno do “lulismo”. Como informado acima, o *corpus* foi constituído, em sua maior parte, por colunas. Essas apresentam como principal característica

a capacidade de trazer análises acuradas de determinadas conjunturas e fatos jornalísticos ou, ainda, furos, na maioria das vezes baseados no acesso que seus signatários têm a fontes privilegiadas dos mais distintos campos sociais, em especial, o político. Estes espaços costumam não apenas agendar a própria mídia – sobretudo quando revelam algo que nenhum veículo ainda elaborou – como têm ampla interferência nas esferas sobre as quais versam. [...] do colunista se exige informações que comprovem que sua retórica não é meramente opinativa, sem bases que a sustentem.” (TEIXEIRA, 2004, p. 119 -121)

## 1. Antilulismo em 2006

De início, cabe retomar a seguinte afirmação feita por Aldé, Mendes e Figueiredo (2007) ancorada em diversos estudos na área de comunicação política<sup>3</sup>:

Para compreender a atuação da mídia no ano eleitoral de 2006, é preciso remeter ao cenário anterior de escândalo político, em que os próprios veículos estudados protagonizaram grande campanha anticorrupção, tratando de investigar, denunciar e responsabilizar o governo e seu partido, o PT. (ALDÉ; MENDES; FIGUEIREDO, 2007, p.1)

No entanto, de modo interessante, os achados da pesquisa revelaram-nos o modo como esse tema da corrupção também enquadrou as opiniões formuladas no âmbito do jornalismo político no período eleitoral e sustentou o que denomina-se aqui como antilulismo. Nesse sentido, tem-se como propósito demonstrar e refletir sobre o modo como os editorialistas e colunistas de política da Folha, ao produzirem suas “opiniões críticas” sobre a candidatura Lula, ancoraram-se na tese do *patrimonialismo* por meio do estabelecimento de duas equações: “Lulismo é igual Lula” e, por vezes, “Lulismo é igual a Governo Lula”. A discussão que se segue foi operacionalizada a partir da reflexão desenvolvida por Jessé Souza (2008) que tem como base a noção weberiana de patrimonialismo. Para o autor

Como o conceito de patrimonialismo envolve a idéia da confusão entre bens particulares e bens públicos, o tema da corrupção, percebido como uma característica atávica e essencial das relações sociais no Brasil, vai estar no centro mesmo de concepções extremamente influentes que se pensam como crítica da realidade brasileira [...] o tema do patrimonialismo não só oferece a semântica através da qual toda a sociedade compreende a si própria mas

---

<sup>3</sup> Os autores mencionam os seguintes trabalhos: LIEDTKE, P. **Governando com a mídia**: as crises políticas e o agendamento mútuo entre Estado e meios de comunicação de massa. Trabalho apresentado no III Congresso da Associação Latinoamericana de Ciência Política, realizado em Campinas, entre 4 e 6 de setembro de 2006. Digit.; LIMA, V. **Mídia**: crise política e poder no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006. MIGUEL, L. F. **O espaço da crise**: a mídia como bombeira. Trabalho apresentado no III Congresso da Associação Latino-americana de Ciência Política, realizado em Campinas, entre 4 e 6 de setembro de 2006. Digit. WEBER, M. H. **A notícia, a propaganda e o espetáculo na crise política brasileira de 2006**. Trabalho apresentado no III Congresso da Associação Latino-americana de Ciência Política, realizado em Campinas, entre 4 e 6 de setembro de 2006. Digit.

também coloniza a forma peculiar como o próprio debate político se articula entre nós. (SOUZA, 2008, p.81).

### 1.1. Lulismo = Lula

No dia 21 de agosto, Fernando de Barros e Silva, em sua coluna intitulada “Lulismo no ar”, argumenta que, em um cenário eleitoral no qual até candidatos de oposição buscavam colar sua imagem a Lula, o lulismo deveria ser considerado, para além do carisma do presidente ou das “suas ações anestésicas de seu governo”, o resultado do esfacelamento do PT.

Em Pernambuco, até o candidato ao governo pelo PFL, Mendonça Filho, exibe imagens de Lula em seu programa de TV. Na Bahia, os candidatos locais se anunciam como membros do "time do Lula". Em São Paulo, Mercadante desfila na TV para lá e para cá **agarrado à barba do pai salvador**. Todos querem tirar uma lasquinha. O lulismo, como se diz, está bombando. Mas não o PT. **Fernando Henrique resumiu bem: "O PT é o Lula. E o Lula não é o PT"**, disse à "Playboy" deste mês. (...) **O lulismo não deriva só do carisma do presidente ou das ações anestésicas de seu governo contra a miséria extrema. Mais do que isso, o lulismo é resultado do esfacelamento do PT e da anarquização fisiológica do sistema político e partidário. O mensalão é ao mesmo tempo sua causa e sua consequência.** Lula sobreviveu à base podre que ele mesmo gestou, descolou do PT e saiu da crise fortalecido. (grifos nossos)

Interessa destacar, no âmbito deste artigo, o modo como o lulismo foi trabalhado como um fenômeno político personificado no presidente, recorrendo-se para tal à identificação com a matriz do populismo. Nesse sentido, no texto acima, de Barros e Silva, sublinha-se sua referência ao “pai salvador”, às “ações anestésicas de seu governo contra a miséria extrema” e, sobretudo, sua idéia de que o lulismo dispensa a mediação partidária: “o lulismo é resultado do esfacelamento do PT e da anarquização fisiológica do sistema político e partidário”.

Nessa mesma linha, é ilustrativa a coluna do dia 1º de setembro, de Nelson Motta, intitulada “A direita lulista”. Interessante nesse texto é que sem mencionar o termo “populismo” ele trata tanto de sua oposição básica – povo X elite – quanto da adoção de práticas assistencialistas por parte do governo: o Bolsa-Família. Na visão dele, o lulismo seria a ideologia dominante no país, naquele momento. E que no discurso de Lula “a esquerda e o povo são bons, a elite é má e de direita”, embora, ressalte a dificuldade de se saber o que são as “elites” e a “direita” para Lula. Embora a

citação seja longa, considera-se que ela condensa bem o posicionamento dos colunistas da Folha naquele momento:

Lula só chegou ao poder e só vai se manter nele com o apoio da direita, a mesma que é sempre acusada por ele de conspirar para desestabilizar o governo popular e de ser responsável por tudo de ruim que acontece no país há 500 anos. Mas é cada vez mais difícil entender o que para Lula são "as elites" e o que é "a direita", além de grandes vilões de nossa história. Como definir essa massa amorfa e colossal que forma a direita lulista? Será que o povão confunde ser "de direita" com ser "direito"? Acho que não, já que esse pessoal vota maciçamente em mensaleiros e sanguessugas e não se importa se o presidente sabia ou não, desde que não perca o Bolsa-Família. Já as "elites" devem ser "os ricos", que são sempre vorazes e cruéis, que ficam furiosos ao ver os pobres comerem, como diz Lula, assim como a direita dizia que os comunistas comiam crianças. A esquerda e o povo são bons, a elite é má e de direita. Menos a elite sindical e a estatal, a elite petista e a peemedebista e a elite dos partidos corruptos, porque são as elites lulistas. Por ignorância, burrice ou esperteza demais, por desilusão, cinismo ou oportunismo, a ideologia dominante no Brasil hoje não é de esquerda nem de direita, é o lulismo. E é aí que mora o perigo.

No entanto, para Rubim e Colling (2006) a mídia, naquele momento, ao buscar explicar o apoio majoritário da população à reeleição de Lula por meio do acionamento de velhos dispositivos tradicionais da política brasileira, como o populismo, apresenta uma visão reducionista, pois:

Para ela trata-se tão-somente de uma adesão ilegítima dos pobres ao poder em decorrência da atuação do governo, considerada pela grande mídia como meramente assistencialista. Nessa perspectiva, são sempre citados programas como o Bolsa-Família, que atinge hoje por volta de 11 milhões de famílias, criado no governo FHC” (RUBIM e COLLING ,2006, p.75).

Cabe destacar como esses autores com base em dados oficiais sobre políticas de impacto social junto às camadas mais pobres da população ressaltam a presença de “um conjunto de políticas, nem todas de fácil inclusão na rubrica assistencialismo<sup>4</sup>, com foco e repercussão socioeconômicos pronunciados, ainda que diversos questionamentos possam ser formulados sobre elas.” (RUBIM; COLLING, 2006, p.77). Tais considerações, pertinentes, sugerem um processo de simplificação e reducionismo nas análises efetuadas pelos colunistas.

Um outro elemento – considerado um dos principais traços do populismo – que serviu de referência para a construção da noção do lulismo, merece atenção: a

---

<sup>4</sup> Rubim e Colling (2006, p.76) apresentam um quadro comparativo entre Indicadores gerais dos governos FHC (1994-2011) e Lula (2003-2006), no qual os indicadores: Índice de desigualdade social, Participação dos mais pobres na renda, Criação de empregos, Valor do salário mínimo, Inflação, Transferência de renda, Empréstimo para habitação, Compra de terras para Reforma Agrária, Crédito para agricultura familiar e Eletrificação rural.

desimportância dos partidos e do Congresso como instituições mediadoras das relações políticas. Nesse sentido, é ilustrativa coluna intitulada “O sentido do voto nulo”, publicada no dia 7 de setembro por Demétrio Magnoli. Ele, ao tratar da campanha pelo voto nulo, difundida na internet, argumenta que tal campanha prestava um serviço inestimável ao lulismo uma vez que “Lula se nutre da falência das instituições”. O colunista estabelece a seguinte distinção entre o petismo e o “lulismo”:

O primeiro, oriundo dos movimentos sociais, configurou uma oposição parlamentar ativa e eficiente, ganhando a confiança de um amplo eleitorado urbano de trabalhadores, jovens e profissionais qualificados. O segundo é um fenômeno mais recente, que só se consolidou com a chegada de Lula ao Planalto. A sua marca singular é um salvacionismo conservador, ancorado no assistencialismo, que despreza o Parlamento e busca corrompê-lo. O antiparlamentarismo de Lula ficou expresso antes da conquista do Planalto, na célebre tirada sobre os "300 picaretas" do Congresso. Era uma denúncia vazia e irresponsável, desacompanhada de nomes e indícios, que não obteve respaldo da bancada petista. Depois, já com Lula na Presidência, o petismo desfigurou-se em "lulismo", rendendo-se às delícias do poder e alienando sua base social. A saga do mensalão foi uma decorrência necessária do salvacionismo lulista, não um episódio

No dia seguinte, Eliane Cantanhede, em sua coluna intitulada “Entre o céu e o inferno” retoma o texto do dia anterior de Demétrio Magnoli, que para ela “disseca o lulismo”, e argumenta que Lula

Com a expectativa de 50% dos votos gerais, e mais de 70% no Nordeste, pode simplesmente dar um grito de "independência": "Chega de intermediários!". E assumir que se lixava, se lixa e se lixará sempre para o Congresso Nacional e para a política partidária, falando e governando diretamente com o chamado "povão". É arriscado para ele e perigoso para as instituições, mas é a cara desse Lula que está aí.

A propósito dessas duas últimas colunas é bastante pertinente a consideração tecida por Carvalho (1997):

O importante em todo o debate não é discutir se existiu ou se existe dominação. Ninguém nega isto. O problema é detectar a natureza da dominação. Faz enorme diferença se ela procede de um movimento centrado na dinâmica do conflito de classes gerado na sociedade de mercado que surgiu da transformação do feudalismo na moderna sociedade industrial, via contratualismo, representação de interesses, partidos políticos, liberalismo político; ou se ela se funda na expansão lenta do poder do Estado que aos poucos penetra na sociedade e engloba as classes via patrimonialismo, clientelismo, coronelismo, populismo, corporativismo. É esta diferença que faz com que o Brasil e a América Latina não sejam os Estados Unidos ou a Europa, que sejam o Outro Ocidente, na feliz expressão de José G. Merquior.(CARVALHO, 1997)

Um outro aspecto que chama a atenção, diz respeito a um conjunto de colunas publicadas na FSP nos dias 20, 21 e 22 de setembro e 1º de outubro de 2006, do jornalista Clóvis Rossi. Duas delas motivaram, inclusive, a abertura de processo contra o jornal, a pedido do PT e de Lula<sup>5</sup>. Na coluna denominada “Quadrilha é pouco”, Rossi, motivado pelo pedido de prisão de Antonio Palocci, pelo delegado que investigava a chamada “máfia do lixo” – episódio que estaria relacionado ao período em que Palocci foi prefeito de Ribeirão Preto – lista um conjunto de personagens que, segundo ele, formariam no governo Lula uma verdadeira quadrilha. Segundo Rossi, o “procurador-geral da República foi contido ao falar em ‘quadrilha’, na denúncia contra toda a cúpula do lulo-petismo.” Sua coluna ao fazer tais afirmações mobiliza alguns dos dados que circulavam na mídia, pedidos de prisão feitos por autoridades judiciais, ilações – “Berzoini (...) ministro da Previdência, torturador de velhinhos aposentados no processo de recadastramento’- e transformava acusados em culpados, bem no estilo da presunção de culpa formulada por Venício Lima (2006).

Nas demais colunas – “Pior que república bananeira”, “Como se faz uma quadrilha” e “Tiros na ética”, esta última publicada no dia do primeiro turno da eleição - o tom acusatório persiste, com o autor mobilizando elementos do chamado “patrimonialismo” para suportar suas críticas:

Oded [Grajew] lamentou que, para a cúpula partidária e para o pessoal do aparato burocrático, a política tenha se tornado ‘maneira de ganhar a vida’. (...) São essas ‘boquinhas’ que fazem compradores de dossiês e praticantes de outras delinquências.(...) Para manter as ‘boquinhas, é lógico que fariam de tudo. Assim como as pessoas que assessoram, todas com cargos eletivos. Para manter o poder, fazem o diabo, contando com o acobertamento do chefe, que, mesmo quando os demite, acaricia-os depois. Foi esta cultura que gerou a ‘quadrilha’, antigamente chamada de Partido dos Trabalhadores.

---

<sup>5</sup> Segundo reportagem publicada na *Folha de S. Paulo*, o jornal teria pedido a anulação do julgamento que havia acolhido o pedido de resposta do PT contra o artigo de Clóvis Rossi (Como se faz uma quadrilha). O pedido de anulação sustentava-se no fato de não ter sido juntado ao processo manifestação da defesa enviada ao TSE dentro do prazo legal. No dia seguinte, outra reportagem informa que o TSE havia anulado o direito de resposta contra a *Folha de S. Paulo*. “A decisão de Marco Aurélio acompanhou a preliminar defendida pela Folha de que o partido não pode postular o oferecimento de pedido de resposta em nome do candidato. (...) ‘Se tivesse o candidato Lula se sentido ofendido pelas expressões ‘lulismo’ ou ‘lulo-petismo’, deveria pessoalmente ter postulado a resposta perante a Justiça Eleitoral’. (...) E sustenta que há uma tentativa de intimidação da imprensa e o uso da Justiça Eleitoral com objetivos de fazer propaganda.” TSE Anula direito de resposta contra a Folha. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 set. 2006; TSE não apreciou defesa da Folha contra Lula, reage ANJ. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 set. 2006.

Em “Tiros na ética”, o colunista afirma que a campanha eleitoral de 2006 termina como começou a de 2002: com fotos de pilhas e pilhas de dinheiro, feitas pela Polícia Federal”<sup>6</sup>. E prossegue:

São dois instantâneos preciosos do modo de fazer política no Brasil. Primeiro, porque revelam que políticos de diferentes partidos operam com dinheiro cuja origem não podem ser bem explicada. Já é eloqüente. Mas no caso do PT é pior: se a origem é obscura e portanto suspeita, a finalidade é ainda mais sórdida, como o próprio presidente da República já admitiu uma e outra vez. É mais eloqüente ainda do modo PT de fazer política. (...) O problema não está na exibição das fotos, mas na existência delas, prova de um trambique. Falar em ‘golpismo’ da oposição é tentar proteger os verdadeiros golpistas, apanhados com a mão na massa de dinheiro e que pertencem todos, todos, todos, sem exceção, ao lulo-petismo. Equivale a dar tiros consecutivos na ética e colocar a arma na mão da vítima, para confundir o público. No Brasil, em geral cola.

Ora, é interessante perceber que as conclusões do colunista não se apóiam em dados, fatos ou testemunhos, como queria Hannah Arendt (1992) ao definir a opinião, ou a verdade factual<sup>7</sup>, ambas relativas ao terreno da vida social. Mas, na forma como a opinião da coluna se apresenta, parece que o elemento que a sustenta é uma forma de moralismo, uma crítica que se apóia na idéia de “presunção de culpa”. Ou, como chama a atenção Sousa (2008), ao articular a noção de “patrimonialismo” à idéia de personalismo, quando a formulação do “homem cordial” acaba por sustentar um certo atavismo da corrupção na cultura política brasileira.

Enquanto o pioneiro protestante americano seria movido por interesses racionais que permitiriam a construção de modernas como mercado capitalista competitivo e Estado racional centralizado, o ‘homem cordial’ seria dominado por emoções que não controla. Uma das consequências práticas principais desse descontrole emotivo seria uma visão quase exclusiva do interesse próprio, na verdade uma forma de interesse mal compreendido, já que não se conseguiria perceber interesses coletivos de qualquer espécie. (...) Enquanto o personalismo é representado pela prática social do homem cordial na esfera privada e pública, o patrimonialismo representaria o homem cordial como membro de um suposto “estamento” estatal. Como ele usaria o poder estatal em suas mãos se ele não vê nada além do próprio interesse? (SOUZA, 2008, p.83)

---

<sup>6</sup> O artigo refere-se a episódio do período de definição de candidaturas na eleição de 2002, quando a pré-candidatura de Roseana Sarney, pelo PFL, foi desmontada com a acusação de corrupção ligada ao seu marido. A fotografia de pilha de dinheiro a que o articulista se refere foi feita no escritório da empresa que pertencia ao marido de Roseana Sarney. Com o afastamento de Roseana ( que aparecia bem nas pesquisas) abriu-se caminho para a candidatura de Jose Serra, pelo PSB, com apoio do PFL. O episódio de 2006 é uma apreensão de dinheiro, também feita pela Polícia federal, em escritório ligada a petistas de São Paulo.

<sup>7</sup> Arendt define como verdade fatural e que é mais vulnerável do que todos os tipos de verdade racional tomados em conjunto, pois diz respeito aos fatos e eventos engendrados por homens agindo em comum e constituem a textura mesma do domínio político ( ARENDT, 1992, p.282-325). Um tipo de “verdade política por natureza”, pois trata com “coisas que não trazem em si nenhuma verdade inerente, nenhuma necessidade de ser como são”. Inscrita no terreno da contingência, a verdade fatural pertence ao mesmo domínio que a opinião e é por isso que pode ser múltipla e, transformada em convicção, produzir outras verdades, ou melhor, opiniões convictas da veracidade dos fatos apresentados.

Por fim, para além, das colunas analisadas, é interessante mencionar que no período examinado foram publicadas diversas entrevistas com especialistas – cientistas políticos e cientistas sociais – que tendo como pano de fundo às eleições de Chávez e Morales – buscaram fontes que auxiliassem no enquadramento da temática do populismo associado a Lula. Emblemática, nesse sentido, foi a entrevista realizada com o ministro Guido Mantega caracterizada como sendo “do colunista da Folha”. Tal entrevista, intitulada “‘Populismo tem pernas curtas’, afirma ministro”. Nela percebe-se claramente que o título, ressignificado, foi obtido por meio de uma resposta dada a uma suposição formulada pelo colunista-entrevistador:

Folha: Há possibilidades de o governo dar uma guinada para o populismo, caso Lula seja reeleito?

Mantega: Qual seria a lógica de uma guinada numa política que está dando certo? O populismo tem vida curta, tem pernas curtas. Seria negar tudo o que foi feito no Brasil durante esse período. Não faz sentido. Se o presidente pode ser acusado de algo, é de justamente não praticar o populismo.

Sobre o mesmo assunto são formuladas três outras perguntas: Como o senhor define populismo? Não há risco de, por exemplo, de uma chavinização [copiar Hugo Chávez, da Venezuela] do governo? Mas isso não distancia cada vez mais o presidente do PT?<sup>8</sup>

## 1.2. Lulismo = Governo Lula

De início, no material analisado, chamou-nos a atenção o fato de sete colunas terem sido publicadas por Vinicius Torres Freire no caderno “Dinheiro”.

No dia 30 de agosto em sua coluna intitulada “Programa para boi dormir no brejo”<sup>9</sup>, é feita uma crítica ao programa de governo Lula 2006, divulgado no dia

---

<sup>8</sup> Essa estratégia da Folha de buscar respaldo, junto a especialistas, para suas posições pode ser notada também na entrevista realizada com Fabiano Santos, cientista político, intitulada “Eleição de mensaleiros não é falência política, diz analista”, realizada por Fátima Marreiro e publicada no dia 10 de setembro. “Folha: **O sr. concorda** com a idéia que o ‘lulismo’ está tomando o lugar do petismo? Santos: Acreditar nisso significa não perceber o que está acontecendo na evolução da democracia brasileira. [...] não vejo porque a ‘pessoa Lula’ estaria tão acima do PT. São inteiramente identificados. Lulismo seria um ‘downgrade’ do movimento político que o próprio Lula tem feito. Lula tem a noção exata do que o PT representa e a última coisa que ele pretende jogar fora é esse capital institucional que ajudou a construir. A ele não interessa estabelecer o ‘lulismo’, não interessa evidentemente ao PT, e interessa a ambos vincular os ganhos e os avanços em termos de política social ao partido. Essa identificação com os mais pobres, o uso de uma linguagem que a maioria da população entende não é incompatível com uma construção institucional consistente. **Fazer análise desse tipo é forçar a barra**”. (grifos nossos)

<sup>9</sup> Cabe notar que a coluna deste jornalista no dia seguinte, dia 01 de setembro, inicia-se com a seguinte consideração: “NÃO SE ESPERA que um presidente diga que a economia do país que governa esteja à beira de tropeçar no brejo. Afora o irrealismo óbvio da expectativa, o pessimismo pode ser contagioso e

anterior: “O programa lulista é econômico. Econômico no debate dos fatos de questões reais e perdulário na desconversa para não desagradar ninguém”. A seu ver “**o programa do lulismo é Lula: uma candidatura personalista**, quase tão oca como a dos tucanos”. Nota-se que ele faz uma distinção entre o lulismo e Lula mas conclui que um é o outro; e o personalismo foi atribuído ao fato de não apresentar propostas concretas. Interessante, ainda, sublinhar que nesse texto ele condensa quais são as cobranças normalmente feitas por ele ao governo:

No programa não se pensa em como evitar que a China dizime a indústria. Ou como evitar que a desigualdade de renda diminua à base de redistribuição de escassez. Ou como reter empresas que fogem para países com comércio mais aberto. Em como o Estado ainda pode atuar na economia de modo relevante, incrementando ciência e tecnologia.

No dia 24 de agosto, Vinicius Freire em sua coluna intitulada “O que não se sabe de ricos e pobres” sublinha que a propaganda política de Lula estaria apresentando dados exagerados sobre a redução da desigualdade e da pobreza no país quando os estudos ainda encontravam-se imprecisos. O colunista ressalta:

O PRESTÍGIO eleitoral do lulismo parece chancelar a célebre estatística do IBGE que, no ano passado, difundiu a idéia de que a divisão da renda foi sob Lula a menos desigual em 30 anos (...)Tornou-se moda remoer os dados do IBGE e produzir salsichas científicas semanais sobre pobreza e renda.

No dia 1 de setembro em sua coluna intitulada “A fantasia luliana do PIB”, Vinicius Freire tece uma crítica ao discurso político-eleitoral de Lula e o atribui ao fato de dirigi-lo ao eleitorado pobre que percebe o crescimento da renda mas não os problemas estruturais como o crescimento do PIB. Interessante ainda perceber o jogo de palavras do título com o final do texto: a fantasia luliana é nutrida de populismo cambial Cabe ressaltar, também, a mesma desqualificação do eleitor observada em grande parte das colunas. O autor, por considerar que os eleitores não possuem conhecimento técnico, desqualifica suas escolhas que, na verdade, deveriam ser consideradas de natureza política e não técnica.

Lula e ministros se entregam ao desfrute ignorante ou politiqueiro de fantasiar a numeralha econômica porque conhecem ao menos o eleitorado. Quem vai entender discussões sobre médio prazo, bens de capital e penetração de importações? O eleitorado pobre vive por ora em um país estatístico em que a renda cresce

---

contraproducente. Mas por que Lula não teme a desmoralização contínua de suas juras de crescimento? Para atingir a meta luliana de crescer 4% neste ano, a economia precisaria acelerar, andar a uma velocidade quatro vezes maior que a do trimestre que passou. Não é impossível, embora muito improvável, e o problema nem é esse. Profecia sobre números de curtíssimo prazo, como o PIB trimestral, com minúcias obsessivas sobre décimos de porcentagem, é propaganda ou coisa pior”.

muito. Problemas estruturais são uma abstração - por ora. O resultado do PIB foi muito ruim. Não implica desastre, mas indica que a economia enfrenta problemas nada triviais. A quantidade de importações cresce, o ritmo de aumento de exportações caiu a um quarto do que era havia um ano, por conta da invasão chinesa e do real forte: câmbio. O resultado do comércio exterior foi fator maior na queda do crescimento. (...) O problema político da economia é saber se Lula, reeleito, vai continuar a fantasia nutrida de **populismo cambial "cum" bolsa-esmola, atualização do populismo tucano**. Há três anos, diante dos metalúrgicos de São Bernardo, Lula prometeu o "espetáculo do crescimento". Seu programa eleitoral agora diz que o "nome do segundo mandato será desenvolvimento". Como também o dizia FHC. Será uma maldição? (grifo nosso)

Pelo exposto, percebe-se que o programa e o discurso eleitoral, bem como, as políticas sociais são avaliadas negativamente. É interessante, notar, por exemplo, como as desigualdades sociais são atribuídas exclusivamente à ineficiente política do governo. Com base em Jessé (2008) pode-se considerar que em tais análises o colunista opera com a tese do patrimonialismo e ao fazer isso “ ‘simplifica’ e distorce’ a realidade social de diversas maneiras e sempre em um único sentido: aquele que simplifica e ‘idealiza o mercado e subjetiviza e ‘demoniza’ o Estado. Jessé (2008) refere-se ao recurso à tese do patrimonialismo como uma “operação ideológica” que só na aparência seria uma crítica radical. Mas cabe lembrar com Frizzarini (2007, p.4) que:

Dada a “opção político-mercadológica que a Folha adotou como sua linha editorial (...) A Folha é um jornal do “establishment”, mantendo em relação a ele uma postura crítica e apartidária”, no dizer de Frias, e, pois, assumidamente liberal-burguesa. Porém, nessa linha interpretativa, o principal interlocutor dos editoriais da Folha de S. Paulo é o Estado, uma vez que, na condição de porta-voz dos interesses empresariais, o jornal se vê na contingência de pressioná-lo para que atenda aos interesses dos grupos privados”.

## **2. Lulismo em 2009**

Março 2009 – Uma entrevista com Marilena Chauí na revista *CULT* chama a atenção. Considerada “uma das personalidades mais admiradas do país”, Chauí responde sobre várias questões, entre elas as transformações da política no mundo contemporâneo pós-crise global e o governo Lula. No caso específico do governo Lula, os jornalistas a questionam sobre o que seria uma “ambigüidade ideológica que se reflete na própria agenda do governo (...) e se as políticas assistencialistas, além do carisma e da identificação popular do presidente” seriam suficientes para explicar sua boa avaliação. A questão parece interessante por demarcar o espaço do debate político e trazer de novo à tona elementos que poderiam fornecer as razões para a popularidade do

presidente Lula e de seu governo, ainda que a entrevista não tratasse da disputa eleitoral já antecipada pela ação movida contra o governo, em fevereiro de 2009, quando do lançamento, pela ministra Dilma Roussef, do programa Minha Casa, Minha Vida. Marilena Chauí afirma que sua resposta deveria ser positiva e, ao mesmo tempo, negativa, pois

“(...) num país (...) em que as políticas voltadas para os direitos sociais, políticos e culturais de todos os cidadãos nunca foram desenvolvidos ou, quando o foram, nunca foram prioritários (...) as ações deste governo instituem práticas de inclusão sem precedentes na história do Brasil e, em grande parte, são responsáveis pela avaliação positiva do governo (...) a avaliação positiva do governo perpassa todas as classes sociais, indicando que há avaliação de outras ações governamentais.”

Entretanto, ela continua sua resposta afirmando que é necessário

dar um basta à tentativa de caracterizar o governo e o presidente da República como populistas. O populismo (tal como é concebido pela sociologia brasileira, já que o conceito não é homogêneo para todas as sociedades) é a política da classe dominante para exercer o controle sobre as classes populares e/ou sobre a classe média tanto por meio de concessão de benefícios pontuais quanto por meio da figura do governante como salvador e protetor.

E mais: afirma que tais traços estão ausentes do governo Lula – seja na sua condução política, seja na condição social do próprio presidente, característica que, em sua opinião, tem servido de “ponta de lança” nos ataques que a mídia dirige a Lula. Assim, o que chama atenção na manifestação de Chauí é a identificação que faz, na questão colocada pelos jornalistas, das críticas que estão presentes na mídia, em especial nas opiniões dos articulistas da grande imprensa, de um “certo populismo” que caracterizaria as ações governamentais e serviriam de suporte para a popularidade do governo e do presidente da República.

Em junho de 2009, uma entrevista do sociólogo Gabriel Cohn ao jornal *Valor* também chama a atenção por repercutir, ainda que tratando da sucessão de 2010, questões que se apresentavam no debate eleitoral de 2006. Segundo Cohn, citando uma análise que não seria sua, mas que considera muito interessante, a idéia de que

(...) Lula consegue amarrar as duas pontas do processo (...): por um lado, ele é a grande referência, o líder, pai de todos, e por outro tem uma posição frágil como nós. (...) ele é protetor e protegido, nos protege mas precisa de nós. Do ponto de vista político, isto permite atenuar um componente daquilo que, equivocadamente, alguns insistem em apontar como ‘neopopulismo’. Lula não faz uma crítica populista, não é verdade que saia por aí arregimentando as massas, nem isso se aplica aos programas sociais. (...)

Questionado pelo repórter, se o fato de Lula se comunicar diretamente com as massas não poderia ser identificado com um traço populista, Cohn afirma que

Lula personaliza muito menos do que poderia. Ele é um destes acidentes históricos raros, por que, se quisesse fazer um desastre, teria todas as condições para tal. Se saísse para uma linha poderosa de apelo, no sentido do populismo clássico – ‘vamos trazer as massas para me apoiar’ – ele liquidaria as instituições. Mas Lula não faz isso, ele tem um componente institucional forte, de alguma maneira há um compromisso democrático real (...) trabalha de uma maneira que reforça as instituições sociais.

E frente à questão colocada pelo repórter de que a ministra Dilma, por ter uma trajetória diferenciada entre os líderes do PT, não significaria uma candidatura de continuidade do ‘lulismo’, Cohn diz que não sabe se é ‘lulismo’ pois “(...)quase diria que é da vertente tecnocrática do atual governo. Seria a vitória do PAC, de um projeto desenvolvimentista.”

Um outro evento relevante para a análise é encontrado em artigo publicado na revista *PIAUI*, no mês de outubro de 2009. De autoria do sociólogo Francisco de Oliveira, o texto de duas páginas e meia, denominado “O avesso do avesso” desenvolve algumas reflexões acerca do governo Lula já expostas em artigo anterior publicado na mesma revista em janeiro de 2007, portanto logo após a reeleição de Lula em 2006. Naquele artigo, Oliveira usando o recurso conceitual formulado por Gramsci – “o pequeno grande sardo”, no dizer do articulista – relativo à construção da hegemonia, afirma que “talvez estejamos assistindo à construção de uma ‘hegemonia às avessas’ típica da era da globalização”. Sua análise naquela oportunidade apontava que “um dos resultados formidáveis da eleição (...) foi a salada da coligações e coalizões [partidárias]”. Isso expressaria a “irrelevância da política partidária no capitalismo contemporâneo” em que os “partidos representam pouco e política está centrada nas personalidades”. Para Oliveira, ainda que o Partido dos Trabalhadores tenha se mantido como a segunda bancada na Câmara Federal,

Lula distanciou-se ostensivamente do PT. Somente recorreu ao partido, e a setores de esquerda fora do PT, no segundo turno, quando viu sua reeleição ameaçada. (...) Nas condições em que se deu, a vitória eleitoral anula as esquerdas no Brasil. (...) Um rancor surdo torna difíceis as relações entre a esquerda independente e o PT e, particularmente, o governo Lula. Por outro lado, a mídia, sobretudo os grandes jornais, segue atacando o governo com ferocidade, o que contribui para confundir a crítica da esquerda com a crítica da própria imprensa.

Entretanto, o mais interessante no artigo de Oliveira é a sua perplexidade acerca do fenômeno novo – a constituição do que denomina “hegemonia às avessas” - que estaria a exigir novas reflexões, pois

ele não é nada parecido com qualquer das práticas de dominação exercidas ao longo da existência do Brasil. Suponho, também, que ela não se parece com o que o Ocidente conheceu como política e dominação. Não é o **patrimonialismo**, pois os que os administradores dos fundos de pensão gerem é capital-dinheiro. Não é o **patriarcalismo** brasileiro de Casa-grande e Senzala, de Gilberto Freyre, porque não é nenhum patriarca quem exerce o mando, nem a economia é ‘doméstica’ (no sentido do domus romano), embora na cultura brasileira o chefe político possa se confundir, às vezes, com o ‘pai’ (...) Não é **populismo**, como sugere a crítica da direita, e mesmo de alguns setores da esquerda, porque o populismo foi uma forma autoritária de dominação na transição da economia agrária para a urbano-industrial.

O que estaria ocorrendo, seria uma “hegemonia” que inverte os termos do conceito gramsciano, quando a relação “força+consentimento” se altera nesta novíssima forma de dominação, quando desaparece a força e o

consentimento se transforma no seu avesso: não são mais os dominados que consentem na sua própria exploração. São os dominantes – os capitalistas e o capital, explicita-se – que consentem em ser politicamente conduzidos pelos dominados, à condição de que a ‘direção moral’ não questione a forma de exploração capitalista.

No artigo de outubro de 2009, como já dito, Oliveira retoma estas reflexões e afirma que após quase sete anos do governo Lula já é possível uma avaliação dessa “hegemonia às avessas”. E conclui que o “lulismo é uma regressão política, a vanguarda do atraso e o atraso da vanguarda (...) [pois] só faz aumentar a autonomia do capital, retirando às classes trabalhadoras e à política qualquer possibilidade de diminuir a desigualdade social e aumentar a participação democrática.”. Superando a retórica frasista de Oliveira, é interessante perceber que suas críticas no campo da chamada “esquerda independente” abordam questões que nos interessam examinar. De um lado, a identificação de que há um fenômeno novo no campo da ação política é algo que chama a atenção, já que a crítica à direita, particularmente aquela que é feita nos textos dos articulistas da FSP, focaliza suas observações em termos passadistas, referindo-se ao governo e ao presidente Lula - seja na questão do “lulismo”, seja em relação ao “petismo” – nas temáticas relativas ao “populismo”, “patrimonialismo” e até mesmo ao “bolchevismo soviético”, “lulo-pelegos” e outros epítetos que remetem sempre a situações ou termos presentes em situações políticas do passado. Nesta vertente de crítica, não haveria nada novo. Tão somente atualizações de experiências de manipulação popular (resultado de práticas populistas); formas novas de corrupção (fruto do patrimonialismo vigente no campo da ação política), ou incompetência de gestão (resultado da falta de preparo dos quadros petistas ou ainda das características sociais dos dirigentes).

Por outro lado, as formulações de Oliveira indicam algo que exige um esforço de reflexão e sugerem que a compreensão do “novo fenômeno” - mesmo que não se concorde com as conclusões a que o articulista chega – necessita de categorias que ultrapassem os limites do tratamento que habitualmente se dá às experiências inovadoras no campo da ação política. Neste caso, é interessante observar que uma experiência como a do governo Lula ferozmente criticado na mídia de massa do país, seja à direita ou à esquerda, mantém índices de aprovação do governo e do presidente tão altos e ameaça garantir sua sucessão com a candidatura da ministra Dilma Rouseff. Afinal, como disse Josias de Sousa,

No segundo semestre de 2005, os analistas políticos tiraram do noticiário que produziram as suas próprias confusões. Onze em cada dez comentaristas difundiu a idéia de que a reeleição de Lula estava ameaçada. Vítima de si mesma, a mídia está na bica de virar, ela própria, notícia. Sua “desimportância” reclama estudos e análises aprofundadas.

Ou seja, o “novo fenômeno”, o “lulismo” está a reclamar, para que se possa compreender a realidade e produzir alguma inteligibilidade sobre ele, a mobilização de novos conceitos. Ainda assim, é preciso acompanhar outro evento que repercute sobre a realidade política e pode ajudar a lançar alguma luz sobre o que está acontecendo e, especialmente, sobre os processos que estão sendo construídos com vista à sucessão eleitoral de 2010. Em primeiro lugar, é preciso acompanhar as pesquisas de intenção de voto para a presidência da República, que estão sendo divulgadas, e as avaliações do governo Lula realizadas pelos institutos de pesquisa. Em 1º de junho de 2009, segundo notícia do site do *O Globo*<sup>10</sup> pesquisa realizada pela CNT/ Sensus, Serra teria 5,7% e Dilma 5,4% de intenções de voto, no levantamento espontâneo. “Já na pesquisa estimulada, o governador aparece com 40,4% das intenções de voto e a ministra, 23,5% - um crescimento de 6,8 pontos percentuais ante o levantamento anterior. Já em novembro, pesquisa realizada também pelo CNT/Sensus e divulgada em 23/11 mostra que as intenções de voto para o governador, um dos principais nomes do PSDB na disputa, caíram nas simulações para primeiro e segundo turno, enquanto que sua principal adversária, a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, do PT, teve aumento nas intenções de voto. Segundo o jornal *Diário do Nordeste*,

Serra não quis comentar o resultado da última edição da pesquisa da CNT/Sensus. O levantamento mostra que as intenções de votos para o governador nas eleições à Presidência da República caíram 15 pontos percentuais, para 31,8%. Em dezembro de 2008, Serra tinha 46,5% das

---

<sup>10</sup> (<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL1178456-5601,00.html>)

intenções de voto na mesma pesquisa. A pré-candidata do PT à sucessão no Palácio do Planalto, a ministra Dilma Rousseff, que tinha 10,4% das intenções de voto em dezembro do ano passado, tem agora 21,7%.<sup>11</sup>

Da mesma forma, pode-se acompanhar as avaliações do governo Lula, veiculadas na imprensa. Assim, segundo o site *Ultimo Segundo*,

A avaliação do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva voltou a subir, conforme mostra pesquisa Ibope divulgada nesta terça-feira pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). De acordo com o estudo, 68% dos entrevistados consideram o governo “bom” ou “ótimo”, contra 64% que pensavam da mesma maneira em março deste ano. Em setembro de 2008, o governo chegou a ser aprovado como “ótimo” ou “bom” por 73% da população - recorde da série histórica.<sup>12</sup>

Ou ainda, em pesquisa realizada pela Sensus, em novembro de 2009 e divulgada na segunda-feira, dia 23/11,

A avaliação do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva melhorou em novembro. O desempenho positivo do governo cresceu para 70 por cento em novembro, ante 65,4 por cento em setembro, mostrou pesquisa Sensus divulgada nesta segunda-feira. A avaliação negativa passou para 6,2 por cento, em comparação com os 7,2 por cento anteriores, enquanto para 22,7 por cento dos entrevistados o governo é regular, ante 26,6 por cento da sondagem anterior. A pesquisa CNT/Sensus foi realizada entre os dias 16 e 20 de novembro com 2.000 entrevistados em 136 municípios. A margem de erro é de 3 pontos percentuais, para mais ou para menos.”<sup>13</sup>

É interessante apontar que um evento significativo ocorreu no mês de novembro, mesmo período em que ocorreram estas alterações significativas, seja na intenção de voto para a sucessão 2010, seja na avaliação do governo Lula. No dia 01/11, o jornal *O Estado de São Paulo* publica artigo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso denominado “Para onde vamos”. Neste artigo, que ganhou repercussão importante, inclusive de articulistas e colunistas da FSP, o ex-presidente alerta o país para os riscos que, segundo ele, os “pequenos arranhões”, “cada transgressão” trazem para a “desfiguração do modelo original”. Afinal, para o ex-presidente, tudo que cerca o presidente Lula,

(...) possui um DNA que, mesmo sem conspiração alguma, pode levar o país, devagarzinho, quase sem que se perceba, a se moldar a um estilo de

---

<sup>11</sup> (<http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=276558&modulo=963>)

<sup>12</sup> (<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2009/06/09/avaliacao+do+governo+volta+a+subir+segundo+ibo+pe+6628941.html>)

<sup>13</sup> (<http://oglobo.globo.com/pais/mat/2009/11/23/avaliacao-positiva-do-governo-lula-sobe-em-novembro-diz-sensus-914881785.asp>)

política e a uma forma de relacionamento entre Estado, economia e sociedade que pouco têm a ver com nossos ideais democráticos.

E, após desenvolver suas reflexões acerca da conduta do governo Lula, Fernando Henrique Cardoso conclui,

(...) Partidos fracos, sindicatos fortes, fundos de pensão convergindo com os interesses de um partido no governo e para eles atraindo sócios privados privilegiados, eis o bloco sobre o qual o **subperonismo lulista** se sustentará no futuro, se ganhar as eleições. Comecei com para onde vamos? Terminei dizendo que é mais do que tempo de dar um basta no continuísmo antes que seja tarde. (grifos nossos)

A repercussão do artigo foi muito grande, seja na mídia impressa<sup>14</sup>, seja naquela digital. Na FSP, chamam a atenção os artigos de Vinicius Torres Freire (FHC e Armindo atacam o lulismo) e de Fernando de Barros e Silva ( A mídia “partidarizada” de Dilma), publicados em 03/11 e 10/11, respectivamente. Segundo Torres Freire,

FHC e Armindo Fraga acabam de lançar manifestos contra o lulismo. De fato, convocam a oposição ao ‘autoritarismo popular’ de Lula (expressão de FHC, à regressão a ‘formas políticas do autoritarismo militar’ (FHC), à identificação ‘com muita coisa da época da ditadura’ (Fraga) e ao favorecimento do Estado a interesses privados (FHC e Fraga).

E conclui:

A oposição partidária a Lula é patética ou inexistente. José Serra, enredado na sua estratégia presidencial, [e quase omisso. Geraldo Alckmin e Aécio Neves são dois personagens vazios à espera de um autor. FHC e Fraga, embora com imprecisões conceituais e memória curta dos anos tucanos, se encarregaram de lançar o combate.

Para Barros e Silva, o alvo é a ministra Dilma Rousseff, que havia atacado a imprensa após a publicação do artigo de Fernando Henrique. Segundo a ministra, haveria uma “oposição quase midiática no país” e segmentos da imprensa seriam “partidarizados” e elitistas, pois “atribuem nossa popularidade à ignorância do povo”. Concordando com entrevista dada por Lula a respeito do tema, disse que o “governo tem derrubado ‘dogmas’ da oposição. Como exemplo, falou da crença de que ‘ o povo é politicamente atrasado [e] precisa de formadores de opinião o orientando”.

---

<sup>14</sup> Entre os artigos que repercutiram a opinião de Fernando Henrique Cardoso destaca-se o de Arnaldo Jabour publicado no *O Globo* de 10/11/2009. Nele, além de atacar violentamente o que chama de “lulo-pelegos” e de exaltar a “era FHC”, formula suas críticas com base no “patrimonialismo”: “A verdade é que os petistas nunca acreditaram na ‘democracia burguesa’ (...) Nada disso: tudo o que querem é emprego, poder e grana. Tudo o que estão construindo, com inabalável fé militante que têm (...), é um novo patrimonialismo de Estado, com a desculpa de que, ‘ em vez de burgueses mamando na viúva, nós, do povo, nela mamaremos’. E Tudo isso em nome do ‘povo’, no raciocínio deslumbrado de Lula, lutando por si mesmo: ‘Eu sou do povo; logo, luto pelo povo’”. JABOUR, Arnaldo. Olha o subperonismo ai gente!... *O Globo*. Rio de Janeiro, 10 nov. 2009. p.12

Assim, para o colunista da FSP, a ministra “ecoa o que Lula já vinha dizendo. (...) A ‘partidarização’ de fato existe. E não só na mídia.”E continua:

(...) No Brasil lulista, com ‘tudo dominado’, é irônico que só os partidos não sejam partidarizados. À sombra do poder, vivem misturados, como beneficiários da avacalhão moral patrocinada por um governo moralmente leniente, mas muito popular, o que inibe a atuação da oposição, que, de resto não sabe mesmo o que falar. Neste ambiente imperial, por que a imprensa ficaria impune? Com publicidade oficial, Lula faz um arrastão nas chamadas mídias regional e popular, todas obedientes ao poder. Na internet, o lulismo multiplica seus funcionários voluntariosos. Há, por parte do Planalto, um esforço metódico para colocar a mídia a serviço do governo – para, numa palavra, partidarizá-la.

Afora o tom de desqualificação adotado pelo colunista – no Brasil lulista, com ‘tudo dominado’ – a blague da crítica feita pela ministra não precisa se apoiar em fatos ou dados. O arrastão junto à mídia regional é suposto, sem que para isso seja necessário mobilizar dados ou testemunhos. É tão somente a opinião do colunista e, como opinião não necessita se submeter ao critério da verdade, o autor considera que ela também não necessita se fundamentar em dados da realidade<sup>15</sup>.

### **Apontamentos finais a guisa de conclusão.**

As observações formuladas ao longo deste artigo sugerem que a questão sobre a qual se desenvolveu a pesquisa, qual seja, identificar os elementos que nos artigos de opinião e nos editoriais do jornal “Folha de S. Paulo” sustentam o posicionamento **antilulista** que veiculam, bem como compreender o conceito de **lulismo** com que trabalham, levaram à percepção de que, de fato, essa era uma falsa questão. Na realidade percebeu-se que os elementos mobilizados – ainda que, em alguns casos, a opinião se expressava sem qualquer recurso a dados, eventos, informações, depoimentos – diziam respeito a características extraídas de posicionamentos relativos a práticas políticas vigentes no imaginário político brasileiro: clientelismo, populismo, patrimonialismo, mandonismos, coronelismo, autoritarismo, corrupção, aparelhamento do Estado e de organizações sociais, todos estes nomes – no sentido que Jessé de Sousa refere-se ao uso do conceito weberiano de “patrimonialismo” no debate acerca da

---

<sup>15</sup> Sobre as relações entre opinião e verdade e sobre os aspectos em que se baseia a opinião ver: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

corrupção no Brasil – estão de alguma maneira articulados às críticas que se faz ao lulismo ou aos posicionamentos que expressam o antilulismo. A rigor, o que foi possível verificar é que os temas que organizaram a produção de opinião publicada na “Folha de S. Paulo” certamente estarão presentes na disputa eleitoral, sendo que o esforço de colar na candidatura de Dilma Roussef os mesmo elementos que sustentaram a crítica antilulista deverá prosseguir. O artigo de Fernando Henrique Cardoso é um indício desta atitude, sendo que o tema básico que organizará este “combate” – como indicou o colunista Vinicius Torres Freire em texto citado em página anterior – deverá ser o significado do continuísmo do lulismo, mais do que do petismo, representado por Dilma Roussef. No entendimento que foi possível obter, nas reflexões feitas ao longo do texto, é que a imagem pública da candidatura de Dilma Roussef, que os articulistas da “Folha de S. Paulo” estão tentando construir, contém os elementos atribuídos ao lulismo – sem os traços do “carisma popular”, oriundo da extração de classe de Lula - mais do que aqueles que poderiam ser identificados com o petismo, sendo que o elemento mais forte será “o risco do continuísmo de tudo o que o lulismo representa”.

## Referências

- ALDÉ, Alessandra; MENDES, Gabriel; FIGUEIREDO, Marcus. Tomando Partido: imprensa e eleições presidenciais em 2006. In: ENCONTRO NACIONAL DA COMPÓS, 2007, Curitiba. Anais... Curitiba: Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação.
- ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clintelismo: Uma Discussão Conceitual. Dados, Rio de Janeiro, v.40, n.2, 1997.
- FRIZZARINI, Maria Goreti Juvencio Sobrinho. Análise da cobertura editorialística do jornal *Folha de S. Paulo* sobre a globalização, a política externa e a reinserção do Brasil na economia mundial durante 1995-2006. In: CONGRESSO COMPOLITICA, 2, 2007, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política.
- MAGALHÃES, Luiz Antonio. Cidadania em apuros. *Valor*, São Paulo, 5,6,7 jun.2009. Caderno Fim de Semana Eu&, p.6-9.
- OLIVEIRA, Francisco. Hegemonia às avessas. *Piauí*, São Paulo, n.5, p.56-57, jan.2007.
- OLIVEIRA, Francisco. O avesso do avesso. *Piauí*, São Paulo, n. 37, p.60-62, out.2009.
- RUBIM, Antônio A. C.; COLLING, Leandro. Política, cultura e a cobertura jornalística das eleições presidenciais de 2006. In: GOULART, Jefferson O. (Org.). **Mídia e Democracia**. São Paulo: Annablume, 2006.
- RUBIM, Antônio A. C. Ética da política e Ética na política nas eleições de 2006. In: LIMA, Venício A. **A mídia nas eleições de 2006**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.
- SAVIAN FILHO, Juvenal; SOCHA, Eduardo. Chauí: a paciência do pensamento. *Cult*, São Paulo, n.133, p.16-23, mar.2009.
- SOUZA, Jessé. Weber. In: AVRITZER, Leonardo et al (Orgs.). **Corrupção: ensaios e críticas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- TEIXEIRA, Tattiana. A crônica política e os gêneros opinativos: um estudo comparativo. *Comunicação e Espaço Público*, Brasília, ano VII, n.1 e 2, 2004.